

MÍDIA E OPINIÃO PÚBLICA: PONDERAÇÕES SOBRE CIDADANIA E DEMOCRACIA PELAS TIRAS DA MAFALDA

Marta Moraes Bitencourt¹

O presente trabalho focaliza o cunho político e a identidade cultural produzida por intermédio do processo discursivo das tiras cômicas de Quino (Mafalda), veiculadas em meios impressos de comunicação.² As tiras como mídia que produz e é produzida pela opinião pública. Percebe-se as mensagens das tiras cômicas como fruto de posturas críticas e propositivas que representam alguns segmentos sociais não tão privilegiados economicamente. Desta feita, o propósito do estudo é examinar questões referentes à ordem propriamente civil conectada a ações de governo, à cidadania e à democracia.

Há uma interferência significativa a ser examinada: por um lado, as tiras cômicas refletem o imaginário social, porque são uma expressão da realidade e, por outro, o mesmo imaginário social se vê refletido e contemplado nestas tiras cômicas uma vez que se consomem significativamente essas publicações e isso legitima cultura política. Derivam daí os objetivos do estudo.

De forma central, objetiva-se capturar o que as tiras cômicas dizem sobre o consciente coletivo do cidadão e examinar como o criador de tiras pensa o imaginário político e o socializa. Mais especificamente, objetiva-se: identificar o teor político implícito nas tiras cômicas da Mafalda; mapear o que as tiras estão reproduzindo de imaginário social representativo de um segmento dessa sociedade e apontar que sentimentos transparecem sobre o governo, a humanidade, as políticas públicas, a democracia, sua condição enquanto cidadão. Um estudo sobre mídia e opinião pública, onde a primeira não será vista como mero instrumento de informação, mas como

¹ Mestranda em Ciência Política pelo Programa da Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Cientista Social pela mesma Instituição. marta.bitencourt@gmail.com

² A delimitação temporal e geográfica adotada no estudo não exclui a lembrança das produções de Caruso, em “Avenida Brasil”, Maurício Ricardo com “charges.com.br”, Henfil com “O Pasquim”, e outros nomes tiveram suas tiras e charges em coletâneas comercializadas atemporalmente no Brasil e em vários países.

potencial formador de cultura política, como instrumento que constrói opinião pública e determina ações, visões de mundo, costumes.

As tiras cômicas da Mafalda constituem-se numa expressão crítica e política significativas uma vez que questionam a postura do Estado e sua sociedade e encontram ressonância de legitimidade na sociedade pelo consumo expressivo das mesmas. Elas são uma possibilidade da captação do imaginário coletivo e apontam outros olhares ou alternativas às instituições políticas formais na construção de cidadania e democracia. Por tudo isto, o objeto de estudo apontado é um elemento importante na área de pesquisa em Ciência Política.

Como advoga Paulo Caruso, “o humor irreverente da charge política comenta e ajuda a compreender os fatos do cotidiano.”³ Aspecto este ratificado por Umberto Eco⁴ quando fala que as histórias em quadrinhos atingem um certo grau de qualidade, elas assumem a função de questionadoras dos costumes e passam a dar pistas de alternativas de mudanças sociais. Isto se torna mais relevante com personagens que merecem respeito pela característica de realidade que carregam como a Mafalda, na referência do mesmo autor.

Visando desvendar conteúdos e significados desta fonte de conhecimento, optou-se por adotar dois tipos de investigação para desenvolver o estudo proposto: a pesquisa bibliográfica com o aporte teórico da Ciência Política somada à análise do conteúdo de tiras cômicas. Tiras referenciadas como portadoras de elementos de natureza irônica e humorística. Dessa forma, pretende-se suscitar a reflexão sobre como pode ser feita a leitura desse material e de seus desdobramentos políticos. O trabalho é de natureza exploratória e compreende uma análise de conteúdo. A fim de operacionalizar os conceitos que utilizará para a observação empírica do material, ou seja, para dotá-lo de uma “dimensão operativa” como coloca Sartori (1981), algumas ações serão necessárias para operar a verificação: uma delas voltada a identificar as forças históricas concretas dos períodos das tiras cômicas – seus contextos e a atualidade das mesmas; a outra direciona-se às mensagens e aos elementos constitutivos expressos nos conteúdos das tiras cômicas – as representações.. Acredita-se que por

³ Artigo: “De *O Pasquim* à *Avenida Brasil*” de Paulo Caruso (in: *Comunicação & Educação, São Paulo*, 191: 78 a 84, maio/ago. 1997, retirado da internet, pesquisa no Google).

⁴ In: QUINO. *Toda Mafalda*. p. XVI, prefácio.

meio deste tipo de material de pesquisa é possível identificar sentidos e significados de representação da política contemporânea, da opinião pública.

Opinião Pública

No que diz respeito à ciência política, este conceito estuda as origens e características da força da opinião pública que é, nas palavras de Augras (1970)⁵ o fundamento de todas as democracias. Para a autora, coletivamente ela significa o sentimento do povo e “é, declaradamente, uma alavanca na mão do demagogo. Daí em diante, aparecerá sob um duplo aspecto: expressão genuína do da vontade do povo e meio de manipulação desse povo.”⁶ A expressão da opinião pública pode ser institucionalizada ou não, no primeiro caso, só temos o voto e no segundo, podemos incluir várias manifestações como a mídia, de maior visibilidade.

A opinião pública não quer deixar sem controle a administração dos interesses públicos. Entretanto, na mídia, notícias dramáticas e relatórios de opinião pública que contemplem números sensacionalistas podem deturpar a realidade, fugir do foco da democracia, colocar o interesse comercial da imprensa em detrimento do interesse social coletivo e isto pode ser muito danoso do ponto de vista do papel da mídia como espaço público que pode promover democracia e inclusão representativa de vários atores sociais.

Cenário de Representação Política

O conceito de Cenário de Representação Política usado é o elaborado por Venício Lima que busca demonstrar com ele a relação da mídia com a política. Ele é um conceito, uma construção pública, feito na e pela mídia. Ele pode ser situado numa tradição de estudos mais ampla nas ciências humanas a partir da IIGM, na ciência social americana. Segundo Almond (1990), o cenário de representação política pode estar associado com o conceito de cultura política. A pressuposição do conceito de cultura política de Almond (1980)(1989) tratará das representações e elementos simbólicos relativos à política em uma determinada sociedade assim como buscará a forma como a política é feita e pensada para determinada sociedade.

⁵ AUGRAS, Monique. *Opinião Pública – Teoria e Pesquisa*. Editora Vozes. 1970. p.11

⁶ Ibidem, p.14.

A mídia é um filtro de leitura da realidade e contribui na elaboração dos mapas cognitivos dos indivíduos. É importante frisar o papel central da mídia na constituição de cultura política, pois, ela passa a assumir funções de ator político e vai dar forma aos cenários de representação política existentes, ela constrói o real e os significados do que se vive, construindo cultura política tanto quanto é construída por ela.

A Cultura Política é uma abordagem através da qual é possível fazer uma análise dos agregados e das atitudes dos cidadãos no aspecto político e ver como os sistemas políticos podem estar mais adequados às necessidades de determinadas sociedades e propor mudanças. O tipo de comportamento mais específico de uma sociedade é que vai determinar o tipo de cultura política. Uma sociedade politizada é aquela que consegue reunir as três orientações apontadas por Almond e Verba: a Cognitiva, a Afetiva e Avaliativa mais o componente de participação do cidadão.

Metodologia

Como metodologia de investigação relevante, a análise de conteúdo visa utilizar-se de procedimentos sistemáticos para descrever o teor das mensagens existentes em um texto. O foco será o da fronteira da hermenêutica pesquisando o sentido dos textos, imagens e enunciados dos universos psico-semânticos e sócio-semânticos do objeto de estudo. A busca dos sentidos tanto do texto (semântica), como das palavras (hermenêutica) irá compor as ações de uma análise de conteúdo.

O conteúdo de uma expressão comunicativa deste nível é extremamente rico e pode permitir uma variedade de interpretações. As interpretações são diversas justamente por ser uma expressão da fala humana, isto é, haverá no conteúdo mensagens manifestas e latentes. Para buscar fidelidade na interpretação, um caminho será partir das mensagens manifestas (explícitas). Demonstrar-las assim como estão manifestadas buscando dar conta dos objetivos, questões de pesquisa e usando os indícios manifestos da comunicação. Entretanto, a fim de não negar a subjetividade humana, os conteúdos simbólicos ou latentes serão analisados considerando as mensagens nos contextos históricos e políticos a que se referem.

Procedimentalmente, a análise empírica, fundamentada na metodologia de Análise de Conteúdo, foi dividida em seis etapas a saber: 1. Leituras flutuantes do material para escolher o *corpus* a analisar; 2. Leitura de todo o *corpus* para traçar

orientações; 3. Várias leituras do *corpus* para retirar as idéias principais e os significados gerais; 4. Seleção das unidades de análise que resultaram em temas; 5. Processo de categorização ou sinalização de grandes enunciados que abarcam um número variado de temas: aqui cidadania e democracia.

Mafalda e sua turma

A turma da Mafalda é muito representativa de uma sociedade de época: Mafalda, condena o mundo adulto, critica o governo e algumas futilidades femininas. Ela não se conforma com a humanidade, mas tem crédito em sua geração. Odeia a sopa, as injustiças, o racismo. Ama a paz, os direitos humanos, a democracia e os Beatles. Susanita Chirusi Clotilde, quer casar-se com um médico, ser da alta sociedade e ter muitos filhos. Ela é fofoqueira e briguenta. Odeia os pobres, as reflexões sobre o mundo que a Mafalda faz e o Manolito. Felipe, Liberdade e Miguelito, são os “filósofos” do grupo, preocupados com as questões sociais e o bem-comum. Felipe é um ano mais velho que Mafalda e o seu oposto. É preguiçoso, tímido e até romântico. Critica ao mundo e a sua própria personalidade. Miguelito Pitti é egocêntrico, inocente e gosta de refletir sobre tudo, inclusive sobre coisas sem importância. Liberdade é bem pequena como restrita era esta palavra durante períodos autoritários. Ela é intelectualizada e filha de pai socialista. Gosta de cultura, revolução e poder reivindicar sempre. Manolito Goreiro, é um liberal apenas preocupado com finanças, lucro e as vendas do mercadinho de seu pai. Ambicioso, materialista, admira Rockefeller e o que quer ter na vida é uma enorme rede de supermercados. Os pais de Mafalda são uma típica família de época: o pai trabalha incessantemente o dia todo para prover o sustento da família que começa com três elementos e depois nasce o Guile. O passatempo favorito do pai, em casa, é cuidar de plantas. A mãe cuida da casa e dos filhos, numa rotina cansativa e interminável. Ela cursava ensino superior, o que largou para constituir sua família. Os pais aparecem economicamente falidos em algumas tiras. Guile, o mais novo personagem, é inocente e terno, faz pensar sobre como gestos simples e amorosos podem aliviar situações cotidianas espinhosas. Todos estes personagens num cenário latino-americano que passa por precárias condições sociais frente a países de primeiro mundo da época.

Segundo RAHDE e PASE, Mafalda “tornou-se o símbolo do imaginário mítico de uma Latino-América que ansiava por liberdade de expressão, por liberdade de escolhas sociais e culturais, pela emancipação feminina” e ainda assinala: “ela questiona

os padrões estabelecidos” por esta sociedade e “propõe novos caminhos, novos comportamentos”.

A leitura recorrente das tiras cômicas, conforme a configuração das fases da análise de conteúdos, resultou nos seguintes títulos compilados: capitalismo e consumismo, classe média e classes sociais, democracia e ditadura, governo e política, humanidade. O critério de apresentação foi por ordem alfabética. Tal exposição obedecerá a fidelidade do texto do Quino com a análise fundamentada na literatura da ciência política. O texto em azul é a compilação das tiras e o em preto a análise com uso da literatura da ciência política. Ao final de cada título, uma tira representativa e/ou complementar.

CAPITALISMO E CONSUMISMO

Capitalismo e consumismo são títulos que cabem bem à discussão de uma época bipolarizada pela guerra fria entre o capitalismo ou o comunismo/socialismo. Mafalda e sua turma fazem os questionamentos abaixo.

Felipe muito triste coloca que num sistema capitalista os bancos são mais importantes que as bibliotecas e o dinheiro é mais apreciado que a cultura. Questiona como o mundo pode mudar em seus hábitos sem alterar o foco ou valorizar o que ainda não está apresentando significativa importância como a cultura. Indignado, pontua que se imprime mais dinheiro que livros. Mafalda pergunta a ele se suas idéias não são ingênuas. Manolito afirma veemente que não são ingênuas suas idéias, elas são perigosas. Como liberal, Manolito deixa claro que seria perigoso para o sistema capitalista ler mais que consumir.

O imaginário político expresso nas tiras cômicas sobre CAPITALISMO E CONSUMISMO encontra correspondência em ARRIGHI (2008). Ele coloca que a fonte de riqueza e do poder nos estados ocidentais, no decorrer da história, esteve fundamentada na sinergia entre capitalismo, industrialismo e militarismo. Sinergia fundamental para enfraquecer a parte não ocidental do mundo visando a competição, acumulação ilimitada, propriedade privada. Esta dinâmica capitalista pode explicar porque é mais importante imprimir dinheiro que livros, ter na sociedade mais bancos que bibliotecas, como questiona o personagem Felipe em algumas das tiras cômicas. A

lógica da acumulação desenfreada desenvolve e congela focos de comportamentos sobre o que deve ser mais importante na vida. Consumir vem em detrimento de questões sociais, culturais e políticas. Não se questiona, num sistema capitalista, a importância da propriedade privada. Entretanto, questiona-se a desigualdade social. Como ter igualdade com propriedade?

Os desejos e necessidades fundados no Capitalismo levam à liberdade de acumulação tal como é livre o comércio, entretanto, o consumo não é para todos. Com a livre iniciativa, livre competitividade, pode-se vender de tudo. Vende-se do necessário ao supérfluo e as relações tendem a ser de interesse e superficiais. O individualismo é uma consequência e uma ratificação das engrenagens liberais. Quando se fala em política, entendida como toda ação que visa o alcance do bem-comum, os conceitos de capitalismo, individualismo, cidadania e democracia parecem não rimar.

A tira que ratifica esta análise pode ser esta em que o Manolito conversa com Felipe sobre um novo gibi. Felipe coloca que o Cavaleiro Solitário vai salvar os apaches do cara mau que quer vender armas para eles. Manolito muito brabo responde: “É quem este mascarado pensa que é para tolher a liberdade de mercado?” Outra tira neste sentido é a do Manolito com a Mafalda. Ele oferece um caramelo para ela. Mafalda fica feliz e agradece ao que ele responde: “É uma gentileza do armazém do meu pai que vende muito barato.” Mafalda cospe o caramelo e diz que isto chama-se interesse. Manolito responde que “em linguagem poético-comercial chama-se relações públicas”.

As relações públicas entendidas como a “gestão da função organizacional política” como advoga SIMÕES⁷ (2009) estão pautadas numa estrutura de poder. Esta estrutura institui comportamentos, costumes e, portanto, cultura que ratifica e mantém o sistema capitalista. Usando a sinergia proposta por ARRIGHI (2008) para empoderar a acumulação desenfreada no ocidente após a segunda guerra mundial, pode-se chamar à discussão MILLS (1975) quando descreve que esta estrutura de poder conta com poderosos agentes de decisão. Eles são a “Elite do Poder”. Esta elite

⁷ Roberto Porto Simões é um dos principais teóricos de relações públicas do mundo, e expôs esta definição no site: http://www.rp-bahia.com.br/o_que_sao.htm, consultado em 06/11/09 às 19h.

está composta por grupos distintos, mas conectados como: os dirigentes de empresas, os líderes políticos e os chefes militares. Estas elites, segundo MILLS, associam-se para controlar a sociedade e radicar relações sociais estabelecidas. Desta forma, uma mudança social implicaria também uma mudança institucional. Não é suficiente a Turma da Mafalda questionar atitudes como a do Manolito com seu caramelo de publicidade e sua bandeira da liberdade de mercado onde pode-se vender de tudo: armas, ideologia, ética. Para MILLS, não é possível desconsiderar o papel das elites na transformação.

Em uma tira, Mafalda pergunta se há comida na Índia e se isto não deveria ser uma preocupação mais recorrente que adquirir coisas.



CLASSE MÉDIA E CLASSES SOCIAIS

Aqui a turma da Mafalda vai falar sobre a situação econômica de suas famílias, refletindo a realidade do povo argentino na década em que as tiras foram veiculadas, 1964-73, o que não difere muito do contexto latino-americano da época e atualmente.

Numa tira, Mafalda pergunta a sua mãe se sua família leva uma vida decente ao que a mãe responde que sim. Mafalda então pergunta novamente: "decente para onde?". Noutra tira, a mãe questiona o custo de vida, que o dinheiro não dá conta de comprar todas as necessidades para o lar. Protesta dizendo que os comerciantes têm permissão para cobrar o preço que quiserem. Conclama onde estão comerciantes, intermediários e autoridades que não ouvem a voz de quem reclama. Mafalda diz que eles só escutam a si mesmos. Mais adiante, Mafalda mostra seu sapato furado para a mãe. A mãe mostra o sapato para o pai que mostra para a mãe a prestação do carro. Mafalda continua com o sapato furado.

As limitações da classe média no que diz respeito ao consumo evidenciam-se uma vez que ela opta por consumir algumas coisas em detrimento de outras. A demarcação do título como CLASSE MÉDIA E CLASSES SOCIAIS fundamentou-se na objetiva definição de classe como uma decorrência da desigualdade social liberal. O aparecimento da sociedade capitalista, democrático-burguesa, após o século XIX, trouxe o uso deste conceito no sentido estrito do advento da burguesia comercial. Na passagem da idade moderna para a contemporânea, a burguesia nascente reivindicou direitos e deveres de cidadania, de liberdade, de mercado, de livre-iniciativa, de livre competitividade a fim de universalizar o dinheiro e transformar a terra, antes fonte de riqueza, em capital. Historicamente, a burguesia traz o liberalismo econômico. E o surgimento da classe social é fruto de uma sociedade desigual. Como KARL MARX foi o intelectual que formalmente fez a primeira elaboração teórica do conceito de classes sociais, costuma-se pensar este termo com fundamento no modo de produção capitalista ou socialista e a relação social com os meios de produção. Esta relação gera duas classes basicamente: a burguesia e o proletariado. Não é foco deste trabalho revisar o conceito histórico marxista, mas usar o conceito de classe no estrito sentido de uma distinção social baseada na questão econômica, na capacidade de aquisição de bens materiais.

Recorrente neste conceito apresenta-se outra tira onde Miguelito fala para a Mafalda que conhece a teologia do endividado, que é quando o pai vai dormir e fica dizendo para si: "Ai, meu Deus!" Noutra tira, Liberdade coloca como é triste entender que as férias nem sempre são exatamente o número de dias que os pais tiram de recesso, pois não se sabe se o dinheiro durará exatamente para este número de dias.

O eterno medo de aumentar o custo de vida sem aumentar o salário é característica de uma sociedade competitiva e desigual. Quando se observa as famílias da Turma da Mafalda, percebe-se que suas condições de classe estão relacionadas ao trabalho excessivo para o sustento e poucas oportunidades de desfrute. Férias, viagens, aquisição de roupas e calçados além do necessário e outras pequenas regalias são um luxo, em grande parte, para as classes trabalhadoras. Segundo CREMONESE (2008), a consolidação da cidadania se dá na idade moderna. O conceito de cidadania moderna faz emergir direitos naturais como a vida, propriedade e liberdade. Estes

direitos caracterizam o homem liberal burguês que após as revoluções liberais na Inglaterra, Estados Unidos e França garantiram estas conquistas nas “Declarações de Direitos” consolidadas nestas revoluções. Assim, se a propriedade é um direito natural da humanidade em sociedade e da cidadania questiona-se: quão cidadãos são os que, mesmo trabalhando extensos períodos do dia, não conseguem adquirir?

Consoante com essa visão reflete CARVALHO (2002) quando coloca que o renascimento liberal trouxe sintomas perturbadores na consolidação da cidadania. Para ele, a cultura do consumo reivindica o direito de consumir e não de ser cidadão, assim, se o direito de adquirir coisas consegue silenciar ou acautelar a militância política, “as perspectivas de avanço democrático se vêem diminuídas”. Segundo o mesmo autor a cultura do consumo dificulta o processo de aceleração da cidadania no sentido do sistema representativo efetivar caminhos que impliquem na “redução da desigualdade e o fim da escravidão dos brasileiros em castas separadas pela educação, pela renda, pela cor.” P. 228 A desigualdade impede a construção de uma sociedade efetivamente democrática.



Enquanto classes sociais, a sociedade já distingue os que têm direito a um consumo privilegiado e aqueles a quem pode servir qualquer produto. Neste sentido a Susanita conversando com a Mafalda coloca: “fico com a alma despedaçada de ver gente pobre, pode crer. Por isso, quando formos senhoras vamos ficar sócias de uma instituição de ajuda aos necessitados e vamos organizar banquetes com frango, peru, leitão e tudo isso! Assim arrecadaremos fundos para poder comprar para os pobres farinha de trigo, macarrão e aquelas porcarias que eles comem.” Se o reino dos céus só tem pobres, Susanita mostra que prefere economizar para não ir para o céu. Diz ela que a culpa dos pobres serem podres é deles, mas ela sabe que nem todos fazem isto

por maldade. Todos deveriam ser iguais perante a sociedade, mas a Mafalda não dorme querendo entender a dúvida: “iguais a quem?”



DEMOCRACIA E DITADURA

Num contexto onde mesclaram-se os regimes democrático e ditatorial na latino-américa, estes temas fazem-se presente questionando ganhos, avanços e retrocessos.

Numa tira cômica Mafalda vê um militar passar, depois um operário, depois um religioso, quando passa um gato ela volta para a casa, vai até sua mãe e questiona: que “setor da democracia os gatos representam?” Noutra, Mafalda olha para o céu e vê nuvens, ela quer brincar de definir os formatos. Olha para uma grande nuvem que vai desaparecendo a cada quadro até sumir e tenta definir com o que se parece. Chega a seguinte conclusão: “parece com os ideais democráticos.”

Nos anos 60 e 70 a democracia aparece como uma oposição à ditadura. Atualmente, mesmo sendo o eixo do debate político-intelectual na América Latina, ela carece de um significado estável, denso, palpável, realizável. Neste sentido, advoga LECHNER (2004) que nos anos 80 a definição de democracia permanece ainda como a noção de antiautoritarismo. Embora neste período se tenha consciência das transformações em curso, ainda focaliza-se separadamente problemas da democracia e mudanças sócio-econômicas. Atualmente, a reorganização das sociedades latino-americanas estão emigrando da matriz estadocêntrica de administração pública para uma matriz mercadológica de desenvolvimento do Estado. Assim, advoga o autor, esta mudança não é só econômica, mas cultural e mental, pois, transformou a forma de pensar as relações entre os processos econômicos, formas políticas e o que chama de

pautas mentais. A turma da Mafalda questiona se todos os setores da sociedade estão representados na democracia, afinal, a possibilidade desta se consolidar depende dos processos includentes de cidadania. A inclusão que não é apenas econômica, mas cultural e de direitos políticos e sociais. Se democracia, por definição é o regime onde o povo exerce soberania, por que na prática isto não acontece? Há uma distinção entre forma e conteúdo.



Sobre o regime ditatorial, algumas tiras ponderam o que segue: Mafalda tira a chupeta do Guile e ele grita sem parar. Mafalda pensa então: “Se todo mundo usasse o pulmão e protestasse os ditadores ficariam atrapalhados”. Noutra tira, Mafalda vai com Miguelito até um policial militar de rua e mostra o cacete dele para o Miguelito dizendo: “este é o pauzinho de esmagar ideologias”. Na tira seguinte, Mafalda passeia com o Guile pela rua e encontra um militar em posição de sentido guarnecendo um caminhão bélico com uma espécie de arma no seu teto. Guile pergunta: “E esse caminhão com mangueira?” Mafalda olha e responde: “É para o caso de ter violência semeada, Guile. Para arrancá-la pela raiz. Mal aparecem os brotos esses homens os regam. Como método agrícola é um pouco contraditório. Mas há tantas coisas contraditórias que não vale a pena se preocupar.”

No que diz respeito ao contexto latino-americano as ditaduras militares caracterizaram-se pela concentração de poder no Executivo, na ilimitada condição de construção e regulação da lei pela vontade pessoal ou oligárquica do poder. Colaborou para este evento a elaboração de instrumentos coercitivos para domínio social como a tortura, a presença da polícia recorrente e controladora, o terror, as propagandas ufanistas. Por outro lado, o Estado Autocrático buscou aparentar crescimento econômico nacional com construção de obras públicas e criação de políticas públicas

para as classes empobrecidas da sociedade. O conjunto destas ações segundo BAVA (2000) desarticulou a capacidade de autonomia da cidadania em expressar-se e fundou uma política baseada numa modernização autoritária que conferia benefícios como concessões outorgadas pelos poderosos. Cidadania aqui não se solidifica, pois ela perde o senso de sua essência no esvaziamento da participação, pela alienação dos processos decisórios, pelo fato de não poder organizar-se e interagir como sociedade civil, além de não poder eleger.

Uma das tiras significativas que sugerem a ausência de voz e vez fundamentada na conformidade e passividade é a que coloca a Mafalda passeando pela praça onde dois senhores idosos que conversam sentados num banco. Um deles está dando seqüência a uma conversa: "... nem honestidade cívica, nem nada." Ao que o outro responde: "Hoje não há mais homens, seu Joaquim, não há mais homens." Mafalda atravessa-se na conversa e diz: "Ah, não? E o meu pai o que é? Um saxofone?" Muito contrariados um dos idosos coloca: "Na sua idade sabíamos respeitar os mais velhos!" Ao que o outro complementa: "E quando eles falavam, nós calávamos a boca." Mafalda sai correndo e escondendo-se atrás de uma árvore observa os idosos e resolve chamá-los: "Psst! Não seria porque vocês não tinham **nada** para dizer." Outra tira neste sentido do esvaziamento de colocação, de fala é a que Mafalda está conversando com sua mãe: "Às vezes você não sente como se houvesse um inquilino dentro de você que fica dizendo coisas?" A mãe responde: "Claro, mas não é inquilino. É a consciência que diz coisas para todos nós como para você." Mafalda reflete e responde: "Para mim sim... mas imagine se a consciência de um general vai se atrever a dizer coisas para ele."

Na ditadura militar, no geral, as pessoas não falavam por vários motivos que vão além da coerção e o medo da força física. A censura não permitia que a informação dos acontecimentos e políticas públicas circulasse. Como falar ou fazer um juízo do que se desconhece? Por conseguinte, organizar-se e participar não faz sentido porque não se efetiva. Cidadania rima com democracia em todos os sentidos.



GOVERNO E POLÍTICA

Estas tiras fazem referência à ordem administrativa institucionalizada e à forma como a política é percebida. A princípio será colocado o que a Turma da Mafalda entende e desentende sobre governo e, na seqüência, suas pontuações sobre a política.

Sobre GOVERNO, as tiras pontuam os mais diversos aspectos. Numa tira, Miguelito e Mafalda assistem atentamente à televisão quando o noticiário afirma: “O governo não deixa de ouvir as razões dos que questionam a citada lei. Mas adverte que os interesses de um setor não poderão impedir que Lei seja aplicada com todo rigor.” Ao que Miguelito imediatamente responde: “Isso que é segurar o pirulito pelo palito. Hein?!”. Os mecanismos de controle do Estado também são pontuados na tira que segue. Mafalda está sentada na entrada do prédio onde mora, olhado para a rua. Passam dois senhores conversando e um diz: “Não dá para saber o que o governo fará para se manter forte.” Logo em seguida, passa pela rua um caminhão militar cheio de homens fardados. Mafalda olha e pensa: “Bom, agora mesmo passou por aqui um vidro de vitaminas.”

GOVERNO é um termo que cabe à discussão do papel político que as tiras cômicas de Quino cumprem. Aqui, a forma como ele foi disposto, anterior ao termo POLÍTICA tem o propósito de ver como o conjunto de integrantes do poder político orienta a condução da política. Vale lembrar que pessoas e órgãos que compõem o governo exercem juntos o poder. Os órgãos representam a forma articulada do exercício de poder. Governo é a forma de exercício da organização política do Estado tanto na sua tarefa interna como na relação com o mundo ou outras comunidades políticas. Ele deve defender os interesses do Estado que representa no confronto com

outras sociedades políticas. Polícia, exército, prisões são instrumentos do poder sobre os quais se apóiam os governos em maior ou menor grau dependendo do regime e intenções de seus agentes. Para o contexto da Argentina e Latino América do período das tiras cômicas, Mafalda coloca claramente que a “vitamina” para um governo ficar forte é o uso ou ameaça do uso da força militar. Enriquecendo a discussão, BOBBIO (1995), contudo coloca que “um governo é forte quando se baseia no consenso, enquanto nenhum governo poderia subsistir por longo tempo se tivesse que se impor pela força.” Na realidade do contexto das tiras de Quino, os governos autoritários sustentaram-se por um período o que vem ratificar esta proposição. Coloca BOBBIO (1995) ainda que tanto o liberalismo como a democracia e o socialismo ajudaram a ampliar a base social do poder e a humanizá-lo. Fala que a “força e o consenso são duas alternativas dialéticas que definem o governo.” Historicamente, do Estado Moderno para a atualidade, foi recorrente o uso do governo central, com monopólio da força, como um atributo do próprio Estado e as autoridades de governo entendiam a garantia de hegemonia de poder pelo uso da força. Entretanto, advoga HUNTINGTON⁸ se “a governabilidade de uma democracia depende do relacionamento entre a autoridade de suas instituições de governo e da força de suas instituições de oposição”, o consenso é a alternativa de condução das diretrizes de Estado pelo governo. É ele que efetivamente legitima as ações institucionais e políticas públicas. Legitimidade não pela coesão ou coerção, mas como o apoio popular às decisões governamentais que encontram ressonância na sociedade.

Voltando à fala das tiras, nota-se que a legitimidade de governo é pequena pelas críticas da Turma. Mafalda está olhando par o rádio e conversa com a mãe: “Estou com medo de ligar o rádio. Seria muito triste ouvir o noticiário e ver que durante todos os dias em que estivemos de férias o mundo não melhorou nada.” Raquel, depois de ouvir atentamente, sai de cena levando roupas para lavar e responde caminhando: “Para ele melhorar, os que governam assim é que deveriam ter tirado de férias.” Mafalda pensa sobre a resposta e pega caneta e papel para pedir autógrafo para a mãe. Noutra tira, conversam Miguelito e Mafalda. Ele diz: “Eu acho.

⁸ In: BOBBIO, Norerto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1995. verbete governabilidade p. 548.

Como todo mundo diz, que ninguém sabe governar. Por que a universidade não cria a carreira de presidente? As pessoas iam sair sabendo como se deve governar e pronto!” Mafalda escuta e responde: “E quem seriam os professores?” Passa um quadrinho da tira onde eles se olham sem nenhuma fala e no próximo quadrinho Miguelito diz: “Quer uma bala de menta? Meu avô comprou um pacote de balas de menta, quer? São de menta.” Termina a tira com a Mafalda olhando para ele sem nada dizer. Na tira seguinte, aparecem Mafalda, Manolito e Felipe sentados à mesa quando Raquel pergunta: “Do que vocês estão brincando?” Os três em coro respondem: “De governo.” A mãe recomenda então: “Bom, nada de bagunça, hein?” Mafalda responde: “Não se preocupe, não vamos fazer absolutamente nada.” Os três aparecem debruçados ou com os pés sobre a mesa.

Discutir o que seria o bom governo atravessa necessariamente a controversa do que é o mau governo. Os períodos autoritários latino-americanos, no geral, legaram a idéia de obras públicas como sinônimo de bons governos. E, embora, esta não seja hoje a única definição de qualidade governamental, ainda, detecta-se que quanto mais atrasados forem os agentes de governo e seu povo, mais o conceito obrista é forte. A fragilidade das democracias também pode levar a estes equívocos de acepção. A Turma da Mafalda fala na necessidade de qualificação do corpo governamental e da inércia latente das autoridades políticas. LECHNER (2004) conclama que, para a política, a sociedade precisa ser interpretada como um “sistema auto-regulado” através de “redes políticas” (com agentes sociais, políticos, frações) de maneira a fazer com que as decisões políticas sejam acordos negociados que visam benefícios mútuos. Evidentemente, um governo com tamanho consenso implicaria, necessariamente, uma outra cultura política onde a participação e a informação do cidadão fossem primordiais. Esta forma de perceber o mundo não foi muito comum no contexto das tiras cômicas da Mafalda.

Nas tiras, pode-se ver algumas proposições como a que Mafalda enche um copo com água, pega uma cadeira e senta-se frente à poltrona onde o pai lê o jornal para questioná-lo: “Sou toda ouvidos, papai. Pode me explicar por que em vez de mudar as estruturas, todos só ficam remendando as peças.” O pai fica olhando sem responder. Noutra tira, Miguelito vai visitar Mafalda em sua casa e pergunta: “Oi, a

Susanita disse que você tem uma tartaruga e eu vim ver. Que nome você deu para ela?” Mafalda responde: “Burocracia.” Miguelito espantado interroga: “Burocracia? Mas que nome! Por que burocracia, hein?” Mafalda coloca a tartaruga sobre o “puf” da sala e o bichinho está dentro do casco. Miguelito pergunta: “E então?” Mafalda responde: “Já está fechada, talvez se você tivesse vindo antes...” Miguelito indignado coloca: “Como assim? Hoje não dá mais? Que absurdo. Eu vim especialmente!” Mafalda responde: “Sinto muito, vai ter que ser amanhã. Hoje é impossível.” E Miguelito: “E amanhã? Que horas mais ou menos?” Mafalda: “Bom. Aí, já não posso informar direito.” Miguelito: “Tá...! Tudo bem. Volto amanhã.” No próximo quadrinho, aparece Miguelito retornando para a casa e pensando: “Afinal não fiquei sabendo por que aquele nome.” Noutra tira aparece Mafalda olhando sua tartaruga Burocracia e pensando: “Ela é o taxi onde viajam as soluções de governo”.



Para a Turma da Mafalda o governo não desenvolver ;nada significativo. Fica institucionalizado por uma burocracia restritiva e ineficaz. Os programas de governo não resolvem as graves desigualdades sociais. Fica o questionamento, a indignação e a forma declarada e humorada de protesto. Nesta seara, entra a discussão sobre POLÍTICA que é principal atividade do Estado na sua relação com o poder.

As tiras que fazem referência ao termo POLÍTICA são várias. Mafalda e sua turma traçam severas análises como: Mafalda aparece indo rumo a uma cadeirinha de madeira. Ela sobe e começa a fazer o seguinte discurso: “Quero felicitar os países que lideram a política mundial. Então espero que um dia haja motivos para isso.” Noutra tira, Mafalda está sentada escutando seu rádio que diz: “Todos sabem queridos amiguinhos a que nível a humanidade chegou graças à técnica...”. Mafalda escuta, faz uma expressão pensativa, desliga o rádio e diz: “E a que nível graças à política.” Mais

uma tira onde Mafalda pensa: “União bonocrática?” Noutro quadrinho, no balão de pensamento está escrito: “Ação cívica bondadista?” Segue: “Bondadismo popular independente?” E por fim: “Por que será que a bondade soa tão mal junto da política?”

Anterior à Aristóteles e mais fortemente a partir de sua obra *A Política*, o conceito POLÍTICA representa aquilo que é civil, da cidade, do público, do social. Da política deve partir a proposição, desenvolvimento, manutenção e alcance dos interesses de determinado grupo social. Nela deve residir a responsabilidade pelo bem-comum. Institucionalmente, a política é feita pelo Estado a partir dos governos. Neles, partidos e poderes de Estado concorrem para a tomada do poder e a possibilidade de fazer política. Assim, se a política está entendida como a construção da ordem social institucionalizada, ou seja, uma ordem social dada, pode-se entender que ela não é uma construção conjunta do Estado com a sociedade. A Turma da Mafalda traça suas censuras pela ordem produzida nas esferas do Estado sem participação popular. Não aparece a cidadania. O contexto das tiras parece colocar a condição do cidadão como receptor de uma ordem social programada e não discutida, não agregada de discussões mais amplas que envolvam a opinião pública. Opinião aqui que não venha somente pela via do voto. LECHNER (2004) propõe que haja uma transformação da política na América Latina partindo de sua significação. Ela deve refletir a construção de uma ordem social produzida por todos os setores sociais. Precisa deslocar seus limites nacionais e exclusivamente econômicos para poder relacionar-se com as dinâmicas externas da globalização, da responsabilidade ambiental e da paz. Quando a Mafalda coloca que “bondade” não rima com a política parece que a prática dos governos esvaziaram o verdadeiro sentido dela.

A turma da Mafalda lança esta sequência de questionamentos políticos em várias tiras cômicas. Segue a reprodução das mesmas: “Precisa-se empurrar o país para a frente, mas como? Se as leis nem sempre funcionam? Por que os políticos atrapalham mais a política que a realizam? A política é mais um jogo de acusações que um conjunto de realizações, sem contar as manipulações. Como ser representado entre os países que lideram a política mundial? Por que não há motivos para felicitar os que lideram a política mundial? Política não deveria rimar com bondade? O

Governo resolve problemas ou governa? Ou faz os dois juntos? Ou como faz? As pessoas não participam porque passam o dia na luta por sua sobrevivência ou enredado em seus costumes culturais que não incluem a política. Também tem a reticência de não saber se votar será eficiente mesmo. Os políticos são todos bons atores e dizem que o espetáculo é divertido. Como ter ânimo quando geralmente o quadro político é muito ruim.”

Existe um mal-estar em relação à política e este fenômeno gera a configuração de uma cultura nacional e até latino americana de inércia, conformidade e descrédito. A mídia ajuda a construir esta imagem e opinião pública quando o que é transmitido recorrentemente por ela é negativo. O desafio é grande, pois, não compete apenas melhorar as ações políticas institucionais, mas a forma como seu povo a percebe e sua inclusão num processo participativo. A Turma da Mafalda parece perceber a política como uma instância máxima de poder capaz de conduzir e proteger a todos. Mas, se o Estado não consegue dar conta disto, só pode aparecer a frustração. LECHNER (2004) coloca que para o senso comum a política deveria oferecer um projeto ou um horizonte de futuro. Futuro que tornasse o presente inteligível e previsível. Por outro lado, as pessoas esperam que a política as proteja contra os avatares do destino. Que lhes garanta não só a integridade física e econômica como um referencial de certeza. Assim, advoga LECHNER (2004), a política institucionalizada causa mal-estar. Os cidadãos não confiam nela porque ela, desta maneira, não controla os processos sociais. Quando Mafalda coloca que “... o drama de ser presidente é que quando ele começa a resolver os problemas do Estado, não sobra tempo para governar”, ela deixa claro que uma política que se restringe ao manejo da contingência gera insegurança porque o futuro torna-se imprevisível. Diz LECHNER (2004): oprimido, o cidadão acaba por abominar ou depreciar a política que o traiu.



HUMANIDADE

Este espaço de tiras cômicas fala de pessoas e suas relações. Nele aparecem as fraquezas e potencialidades das distintas personalidades da Turma da Mafalda que encontram ressonância na sociedade. Um espaço humano que faz pensar costumes, cidadania e participação política de uma cultura.

As tiras que grafam a palavra humanidade a colocam na seguinte proposição: Mafalda pergunta a Felipe e Manolito para onde a Humanidade está indo. Começa uma discussão entre os meninos. Cada um diz que é para um lado. Eles continuam se colocando em voz alta e agora cada um sabe onde é a frente do caminho. Depois de muitas discussões sem nenhum consenso, Mafalda coloca: “Estou começando a entender porque é tão difícil a humanidade ir para a frente. Noutra tira Mafalda e Felipe conversam quando passa o pai de Mafalda. Eles dizem: “Era preciso começar de novo para ver se dá certo.” Ao que o Felipe responde: “Também acho.” O pai curioso pergunta: “Do que vocês estão brincando?” A Mafalda responde: “De nada, estamos falando da humanidade.” Na próxima tira, Mafalda passeia pela rua e encontra Felipe encostado numa árvore e ele lhe diz: “Olá Mafalda sempre preocupada pensando para onde vai a humanidade?” Mafalda responde: “Não. Supõe-se que não haja ninguém esperando por ela em lugar nenhum, não é?” Mafalda vai embora e Felipe senta no chão pensativo e triste. Na tira seguinte, Mafalda está com a Liberdade olhando formigas passeando nas folhagens: “As formigas vivem hoje da mesma maneira como viviam há mil anos. E tão satisfeitas!” Noutro quadrinho diz: “Com a Humanidade, em compensação, muita evolução, muita técnica, muita ciência e cada vez mais confusão.” Passa um quadrinho as duas só olhando as formigas sem dizer uma palavra. No próximo quadrinho Liberdade fala: “Isso que você acabou de dizer é tão certo que não serve para nada.” Mais uma tira com a palavra humanidade: Raquel, mãe de Mafalda, está com biquíni em frente ao espelho e chorando muito....Mafalda chega e pergunta: “O que foi mãe? Por que você está chorando?” Ela responde: “Porque depois do verão passado engordei muito e estou horrível de biquíni.” Mafalda responde: “Eu poderia dizer que mais da metade da humanidade não pôde engordar um grama porque não tinha o que comer.” Passa um quadrinho e Mafalda continua: “Mas você está precisando é de consolo e não de passar por estúpida, não é?” Noutra tira, por fim,

Mafalda aparece andando para trás e Miguelito observa sem entender. Logo pergunta: “O que foi Mafalda ficou louca?” Mafalda rebate: “A gente tem que caminhar com a humanidade Miguelito, caminhar com a humanidade.”

Politicamente falando, a perspectiva de HUMANIDADE colocada pela Turma da Mafalda parece estar esvaziada de conteúdo social, solidário, de reivindicação de direitos, de mudança. Pelo contrário, parece estar vinculada a uma noção de passividade e superficialidade. Mas, por que isto acontece? Falta de informação? De escolaridade? Falta de um projeto público que permita ao trabalhador ter espaço para a cidadania? Ter tempo para participar das decisões que dizem respeito à sua sociedade? Enfim, a Turma sugere que a não-participação política está submetida a alguns condicionantes do cotidiano. Segundo BAQUERO E PRÁ (2007), estes condicionantes seriam: a educação, os sentimentos de alienação política, a idade, o sexo, o voluntarismo, o nível de urbanização. Eles são variáveis que medem a o grau de participação dos cidadãos. A pesquisa destes autores, realizada no Brasil e que refletem pesquisas de opinião em outros contextos da América Latina (p.158), mostra que a maioria dos cidadãos não participa por apatia, cinismo, alienação e anomia. No primeiro elemento, o cidadão não participa porque não se preocupa com a política, não tem interesse por ela e prefere se abster. A apatia mostra a frustração do cidadão frente à política. E isto acontece com a maioria da população, desta forma, a minoria que realmente participa repassa ao Estado seus interesses e seus paradigmas. A maioria não está representada. O segundo elemento já retrata a desconfiança e atitude de pessimismo frente a tudo. Este costume coloca em primeiro lugar as questões de ordem pessoal e privada do indivíduo. Quanto à alienação, ela é um elemento característico de sociedades pobres e com elevado grau de exclusão. Ela pode gerar antagonismo e hostilidade. Sobre a anomia, os autores a pontuam como “um sentimento de perda de valores e de direção que leva os indivíduos a experimentarem um senso de ineficácia” (p.158). Ineficácia associada ao sentimento de despreocupação das autoridades políticas frente ao bem-comum, assim, desvalorizam e desinteressam-se em participar politicamente.

Estas breves exposições acima são uma reflexão sobre comportamentos e valores humanos que estão diretamente ligadas à apolítica, ao não-cidadão ou à

“idiotia”, termo grego que indica a ausência de cidadania. Os interesses particulares, as guerras, a necessidade de acumulação ilimitada, a competição desenfreada têm desenhado um conjunto de relações doentias. Elas não representam interesses de uma coletividade, não cimentam cidadania. A violência, desemprego, falta de ética, desonestidade, falta de compromisso do Estado com sua sociedade tem legado exemplos que ferem os princípios humanos de dignidade e solidariedade. Se o Estado é autoritário, em quem se espelhar? Se as autoridades públicas não fazem, a sociedade não se sente responsável nem conseqüente e isto de forma holística, com responsabilidade social, ambiental, política, física, mental, científica



Análise e interpretação dos dados

O consciente coletivo do cidadão é tomado pela expressão da opinião pública refletida nas tiras cômicas. Opinião essa inserida necessariamente num contexto. Não é possível separar o fator econômico dos demais, até porque uma pessoa pode ter pertencido a mais de um nível social no decorrer de sua vida e carregar atitudes e pensamentos característicos de sua condição econômica de origem. Os fatores que dizem respeito às características da região onde se vive, podem influenciar atitudes e opiniões. A família da Mafalda vive de forma mais alienada devido, entre outros fatores, à correria dos grandes centros urbanos, à condição de busca da sobrevivência, falta de qualificação profissional dos pais, enfim. O ambiente com suas influências demográficas, climáticas, de oportunidade, geográficas leva a uma forma de compreensão coletiva da realidade, ao consciente coletivo, à opinião. O comportamento dos grupos estudantis, sindicais, religiosos, de movimentos sociais, de partidos políticos, empresariais, enfim, determinam opinião, podem determinar a

opinião de um indivíduo, quanto maior for o pertencimento ou envolvimento com as questões que dizem respeito à permanência, consolidação ou sobrevivência do grupo. O contexto histórico também é determinante. Regimes políticos, descobertas científicas e tecnológicas, aparecimento ou desaparecimento de líderes, abalam, criam ou alteram a opinião pública.

A socialização do imaginário coletivo e da opinião pública, que acontece por meio das tiras cômicas, ratifica uma cultura política atual em relação ao modelo de democracia vigente no Brasil e quiçá na América Latina. Embora se reconheça os avanços de uma democracia institucional, no seu desenho e estrutura, ou seja, as pessoas votam, o processo eleitoral concorre para um aperfeiçoamento que limita fraudes e irregularidades no registro da opinião pública, ainda há ausências quando se fala de conteúdo da democracia. Os graves problemas sociais colaboram para a manutenção de valores, comportamentos e opiniões de descrédito e desconfiança dos cidadãos em relação às instituições políticas. A Mafalda, como coloca o próprio Quino, infelizmente, é atual porque em sua crítica, ainda alguns modelos de ação política governamental se mantêm. A atitude do cidadão também se mantém sem avanços no sentido de uma participação mais crítica e efetiva.

No Brasil, advoga CREMONESE (2008) a construção da cidadania foi difícil a medida que finalizada a ditadura militar, a democracia e cidadania comporiam mais efetivamente o cenário político-social nacional, mas, nas palavras do autor “a democracia poliárquica, no entanto, descrita pelo cientista político Robert Dahl (2001) (eleições livres, partidos políticos consolidados, Congresso Nacional autônomo), não garantiu avanços significativos e a democracia social (igualdade étnica, emprego, saúde, lazer, moradia...) ainda é utopia para milhões de brasileiros. Prevalece apenas uma democracia eleitoral sobre a democracia social (cidadã).” P.169 Democracia não rima apenas com processo eleitoral e para haver democracia é fundamental a confiança nos concidadãos. A opinião pública, não apenas eleitoral é fundamental.

É possível dizer que a opinião expressa nas tiras cômicas, é realmente representativa da opinião pública geral. É papel da mídia representar o real e, desta forma, constituir, formatar, elaborar opinião ao mesmo tempo que expressa e

consolida cultura política. Aliás, a mídia pode ser um ótimo instrumento de contato entre a população e o governo e esta tiver uma cobertura maior como, por exemplo, questões sociais e as propostas dos políticos. Com este subsídio, quiçá o cidadão tenha mais elementos para posicionar-se. Afinal, não podemos falar sobre o que desconhecemos.

Advoga BARBOSA⁹ (2008) “Os governantes não estão acostumados a debater políticas públicas. Se o jornal não apresenta as propostas dos políticos, o cidadão não tem condições de cobrar dos candidatos eleitos. O jornalismo tem o papel de formação da cidadania, pois é por meio das informações que reivindicamos políticas efetivas em todos os setores sociais”. Sabe-se que a agenda de temas veiculados pela mídia nem sempre dizem respeito às questões sociais econômicas de interesse realmente público e que se os meios de comunicação pautassem estas questões, não ficaria tão assimétrica a luta política pelo bem comum.

Se a maioria da tiras cômicas considera insatisfatórias as instituições que devem garantir o exercício da cidadania, ela é uma cidadania restrita e não plena. A democracia formal, constituída institucionalmente não é garantia de uma democracia de fato se os direitos dos cidadãos não forem plenos ou representativos.

As tiras cômicas mostraram que existe uma relação direta entre mídia e opinião pública. O próprio LASSWEL, em seus estudos sobre as motivações das duas grandes guerras mundiais pelas influências da mídia concluiu que quanto menor for o vínculo social sólido entre os indivíduos de uma sociedade, maior será a influência da mídia de massa. Por suas pesquisas, a mídia é capaz de convencer de maneira concreta a opinião pública e ainda submeter vontades de massa quando usa apelos emocionais.

Durante os períodos autoritários na América Latina, a mídia foi transformando-se num significativo agente social de oposição ao regime, a imprensa alternativa cumpria bem este papel. A postura irreverente e bem humorada trouxe o tempero para prender leitores, influenciar na mudança de costumes e denunciar a vida política local e mundial.

⁹ Beatriz Barbosa é jornalista e pesquisadora da Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social

O contexto das tiras revelou uma análise política e de costumes importante na formação de opinião pública e na mudança de valores. A análise recheada de críticas contribuiu para ponderar sobre cidadania e democracia pela escrita apropriada de um segmento social de massa. Segmento cheio de condicionantes de limitação participativa, mas com esperança, com opinião. Elas representam um esforço esmerado de levantar dúvidas sobre a essência do Estado, dos governos e política. Dúvidas sobre a postura da humanidade frente aos acontecimentos locais e globais. Um esforço que questiona Estado e sociedade na sua relação. Que põe à luz os simulacros sociais colaborando com elementos importantes de transformação social.

“La force est la reine du monde et non pas l’opinion, mais l’opinion est celle qui use de la force.”

BLAISE PASCAL

PENSÉES 554-303 retirado da Augras

BIBLIOGRAFIA

ALCEU - v.4 - n.8 - p. 78 a 93 - jan./jun. 2004. Disponível em www.google.com.br, consultado em 19/11/2008.

AUGRAS, Monique. *Opinião Pública – Teoria e Pesquisa*. Editora Vozes. 1970.

ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo. Boitempo Editorial., 2008.

AZEVEDO, Domingos Sávio Campos de. Como Ocorre a Materialização Discursiva da Identidade Gaúcha nas Charges: Um Estudo Discursivo da Determinação Histórica dos Processos Semânticos dos Jornais Correio do Povo e Zero Hora. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BAQUERO, Marcello. Dossiê Cultura Política, Democracia e Capital Social. *Revista Sociologia Política*, p. 7-11, Curitiba, Nov. 2003.

_____. Sem confiança a democracia se torna inerte. É o capital social uma resposta? Um estudo sobre a América Latina. *Revista de Educação*. Unisinos, 2005.

BAQUERO, Marcello; PRÁ, Jussara Reis. Cultura Política e Cidadania no Brasil: uma análise longitudinal. *Estudos Leopoldenses*. V.28, p.87-110, 1992.

_____. *A Democracia Brasileira e a Cultura Política no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Editora da UFRGS. 2007.

BAQUERO, Marcello; CASTRO, Henrique Carlos de O. A erosão das bases democráticas: um estudo de cultura política. In: BAQUERO, Marcello (org.). *Condicionantes da consolidação democrática: ética, mídia e cultura política*. Porto Alegre, Editora Universidade/ UFRGS, p. 11-40, 1996.

BAVA, Sílvio Caccia. *A Força e a Fraqueza da Cidadania*. Maio/2000. Consultado em 13/11/09, às 16h50min, no site: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/cidadania/forcafraquezacidadania.html>

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1995.

BOURDIEU, P. *A opinião pública não existe*. In *Questões de Sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1983. p. 173-182.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. *Método de Análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde*. Texto publicado na Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF): 57(5): 611-4, set/out.2004.

CARUSO, Paulo. De O Pasquim À Avenida Brasil. *Comunicação & Educação*, São Paulo, 191: 78 a 84, maio/ago. 1997. Disponível em www.google.com.br, consultado em 19/11/2008

CARVALHO, José Murilo de. *O Motivo Edênico no Imaginário Social Brasileiro*. Texto publicado na Revista Brasileira de Ciências Sociais, Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs, 13 (38):63-79, out/dez.1998.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O Longo Caminho*. 3ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania Tipos de Percurso*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. n. 18, 1996.

CASTORIADIS, Cornelius. *Figuras de lo Pensable*. Buenos Aires, FCE, 2005.

- DAHL, Robert. *Poliarquia*. São Paulo: Edusp, 1997.
- FERNANDES, Amanda Simões & DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. Entre lágrimas e Risadas: O Ensino do Período Médici Através das Charges D' *O Pasquim*. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v.13, n. 2, p. 263-276, jul./dez. 2007.
- FILHO, João de Souza Lima. "O Enquadramento da Notícia. O Caso Lunus" Dissertação de mestrado em comunicação social defendida em 2003 na Universidade Federal de Brasília. Citando ENTMAN, Robert M. Framing toward clarification of a fractured paradigm. In: *Journal of communication* 43. Autumn 1993. New York: Oxford University.
- GEORGE, Susan. *O Relatório Lugano*. São Paulo. Boitempo Editorial. 1ª Ed. 2002, 1ª reimpressão 2003.
- GIDDENS, Anthony. *A terceira via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia*. Rio de Janeiro. Record, 2000.
- HABERMAS, Jurgen. *Teoria de La acción comunicativa*. Barcelona, Peninsula, 1985.
- HELD, David. *Modelo de Democracia*. Madrid, Alianza, 1992.
- LAMOUNIER, Bolívar. *Da Independência a Lula: dois séculos de política brasileira*. São Paulo. Augurium Editora, 2005.
- LAVADO, Joaquim Salvador (QUINO). *Toda a Mafalda*. São Paulo. Martins Fontes, 1993.
- LECHNER, Norbert. Os Novos Perfis da Política: Um Esboço. São Paulo: *Revista Lua Nova*, nº62, 2004.
- LIMA, Venício A. de. *Mídia. Teoria e Política*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- MALTA, Marcio José Melo. *Jeca na Careta – Charges e Identidade Nacional*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- McCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.
- MIANI, Rozinaldo Antonio. As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista. Assis, SP: Unesp, 2005. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.
- _____. A utilização da charge na imprensa sindical na década de 80 e sua influência política e ideológica. São Paulo: ECA/USP, 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- _____. A Luta pela Redemocratização no Brasil através da charge no *Jornal Movimento*. Disponível em www.google.com.br, consultado em 19/11/2008
- MOISÉS, José Álvaro. *Os Brasileiros e a Democracia, Bases Sócio-Políticas da Legitimidade Democrática*. São Paulo: Ática, 1995.
- MILLS, C. W. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- PANDOLFI, Dulce Chaves & CARVALHO, José Murilo de & CARNEIRO, Leandro Piquet & GRIYNSZPAN, Mário (orgs.). *Cidadania, Justiça e Violência*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.
- PATEMAN, Carole. *Participação e teoria democrática*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- PORTO, Mauro P. *Muito além da informação: Mídia, cidadania e o dilema democrático*. São Paulo, *Perspectiva*, v. 12, n. 4, 1998, pp. 17-25.

_____. Interpretando o mundo da política: perspectivas teóricas no estudo da relação entre psicologia, poder e televisão. Trabalho apresentado ao XXIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu/MG, Brasil, 19 a 23 de outubro de 1999.

_____. A pesquisa sobre a recepção e os efeitos da mídia: propondo um enfoque integrado. Trabalho apresentado ao XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Belo Horizonte, Brasil, 2 a 6 de setembro de 2003.

_____. Cultura política e democracia na América Latina. In: FAUSTO, Ayrton e SARAIVA, José Flávio (Orgs), *Diálogos sobre a Pátria Grande*. Brasília: Abaré, 2004, pp. 39-58.

SARTORI – NO LIVRO DO VENÍCIO LIMA MIDIA, TEORIA E POLÍTICA VER

PRÁ, Jussara Reis; BAQUERO, Marcello. A emergência de uma nova cultura política: gênero e eleições no Brasil. *Cadernos de Ciência Política*. Série Pré-edições, n.12. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998.

PRÁ, Jussara Reis. (Re) socializar é preciso: aportes para uma releitura sobre gênero e juventude no Brasil. In: BAQUERO, Marcello (Org.). *Democracia, juventude e capital social no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. P. 79-119, 2004.

RAHDE, Maria Furtado e PASE, André Fagundes. O Imaginário em Mafalda Numa Prospecção Pós-Moderna. Trabalho apresentado no NP n° 16 – Histórias em Quadrinhos no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM. UERJ. 2005.

SCHULZ, Rosangela Marione. Quem se comunica se trumbica, o discurso do Pasquim no período Médici (1969-1974). Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Programa de Pós Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1996.

SHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O Estado Espetáculo*. São Paulo. Círculo do Livro. 1977.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.

TOCQUEVILLE, Alexis. *A Democracia na América*. São Paulo. Editora Abril, 1989.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *As Aventuras da Família Brasil*. Rio de Janeiro. Objetiva. 2005.

FONTES DA INTERNET

CASOTTI, João. O Desafio de Abordar Políticas Públicas na Grande Mídia. In: http://www.nosdacomunicacao.com/panorama_interna.asp?panorama=116&tipo=R pesquisado em 06/10/09.